

ÍNDICE

I	DO CAMÕES PARA A GUERRA	11
II	FRITZ DE DERNBACH	17
III	A GUERRA DE CHÂTEAU-SALINS	19
IV	A CAÇA AO PASSARINHO NA TERRA DE NINGUÉM	25
V	O OFICIAL DE REIMS	37
VI	O VIZINHO BISMARCK E O TEMÍVEL FREDERICO	43
VII	A CAMINHO DO HOSPITAL	47
VIII	DEUS, AFONSO COSTA E A CORDOARIA NACIONAL	55

IX	O HOSPITAL E A REVOLUÇÃO	63
X	A SABOTAGEM DO GALINÁCEO	73
XI	A APOSTA EM GILBERT	77
XII	DOROTHY	83
XIII	A CAMINHO DA FLANDRES?	95
XIV	MAIS UM SALAVISA NO HEXÁGONO	99
XV	MARCEL FOURIER	105
XVI	SHEYBA	111
XVII	O PSICANALISTA PERSA	115
XVIII	BRILHO E PENUMBRA	125
XIX	O EPISÓDIO DO <i>CLOCHARD</i>	129
XX	UM MÉDICO IMPROVÁVEL, MARIA E JEAN	135
XXI	CONVERSA POR MAUS CAMINHOS	145
XXII	A MALDIÇÃO DE BRINCHES	155

XXIII	COIMBRA E O EXCELENTE DIRETOR DE SERVIÇOS	161
XXIV	PARTIR, DEIXAR PARIS!	165
XXV	NOS DOMÍNIOS DO DOMAINE: GASTÓN E A <i>PETITE VILLAGE</i>	171
XXVI	AS SAIAS GARRIDAS DE FERDINAND	193
XXVII	AGOSTO: NA PISTA DE FRITZ E ERRO MÉDICO	201
XXVIII	UM LOUVOR DO MATOS DO MINHO, ADEUS FLANDRES	211
XXIX	O ENCONTRO COM FRITZ	225
XXX	KARL	237
XXXI	ORGULHO E DISCIPLINA	241
XXXII	A IMPORTÂNCIA DO «OUTRO»	253
XXXIII	CONCLAVE E PERDÃO	259
XXXIV	UM SUAVE ADEUS	265

*Quarenta anos! À minha mulher e aos nossos filhos.
Ao meu irmão e à minha irmã.*

I

DO CAMÕES PARA A GUERRA

Joaquim Maria Salavisa Reboredo, filho de Vicência Eugénia Fonseca Salavisa e de João Guerra Reboredo, nasceu num berço de ouro e teve todas as oportunidades para receber uma educação primorosa, sendo inexplicável ter-se tornado um corrécio e um destravado conhecido por Lisboa inteira. Quando foi a implantação da República, por exemplo, ainda não tinha treze anos, chamou um grupo de amigos, compraram biscoitos e xarope de groselha e passaram dois dias acampados na Rotunda, com os revoltosos, só para gozar o panorama. Aliás, numa foto famosa do grupo de combatentes republicanos que ali se instalaram, é possível ver em fundo um estranho grupo de rapazotes que parecem num piquenique — é mesmo disso que se trata e o que está a acenar para a câmara de Benoliel é, precisamente, o Quim Salavisa!

Tanto a Vicência como o João Guerra eram de famílias ricas: de Alenquer, da parte dela; de Torres Vedras, da dele. Tendo herdado propriedades de vulto, sobretudo de vinha, tinham uma situação económica desafogada, andar espaçoso no Largo de Camões, com serviçais de libré quando havia visitas, assíduos no teatro de revista e com alguma frequência mandavam a serviçal atravessar o largo para lhes reservar mesa no Tavares Rico.

Nos planos originais da Vicência, o pequeno deveria cursar medicina e ela sonhava com a placa de consultório onde constaria «Salavisa», que a reconfortaria para todo o sempre, coisa que cedo se revelou irrealizável, pois logo na terceira classe o professor chamou os pais e sentenciou: «Há entre ele e o estudo uma profunda incompatibilidade, lamento.» Não disse o resto que lhe ia na alma: «Levem-mo daqui e mandem-no para o circo, de palhaço ou de equilibrista, qualquer coisa desde que seja circo e o leve para bem longe.»

E assim o rapaz cavou outro fosso, este com a mãe, o qual, aliás, ampliava sempre que lhe surgia uma oportunidade. Com o pai, era outra música, que ao João Guerra pouco lhe importava que ele não tivesse queda para os livros, e quando a mulher o vinha invetivar porque ele nada fazia para lhe contrariar essa tendência, esclarecia-a:

— Deixa-o andar, quando lhe aparecer o buço vai despachado para Torres, ao cuidado do velho Frederico, para alombar na vinha e com autorização para levar na tromba.

O seu desporto preferido até à adolescência era a fiska e ia com frequência matar pássaros para o Largo do Carmo. Quando passou para o secundário, em cada ano reprovava uma vez; aliás, nem se podia dizer bem isso, porque nesse

primeiro ano praticamente não apareceu na escola, para recuperar da canseira que lhe dera a aprovação no ano anterior, e o que mais irritava a mãe é que até era um aluno acima da média em disciplinas que lhe agradavam, como as línguas e a geografia. Era, pois, um calão seletivo e com convicções, levando a mãe a lavar-lhe a sentença: «O teu pai não se ocupa de ti, mas a mim, na altura própria, pagas-mas!»

Quando abandonou a fisga, dedicou-se ao futebol, jogava no Atlético de Alcântara, e aos dezoito anos já alinhava nos seniores. Esse ano escapou miraculosamente ao tratamento da vindima que o pai lhe impôs porque na véspera da partida para Torres teve uma ideia genial: convenceu o massagista a engessar-lhe o pé como se o tivesse partido, para bem da equipa, pois tirava o gesso de cada vez que havia jogo e depois voltava a pô-lo! Quando apareceu assim em casa, gemeu toda a noite, não deixando ninguém dormir, continuou a gemer durante o dia, até que o João Guerra o escalou para a vindima seguinte.

Nesse ano só deu desgostos à mãe: andava de namoro com uma corista cinco anos mais velha, estreou-se a chumbar pela segunda vez e foi pedir autorização ao pai para fumar cachimbo, que lha concedeu imediatamente com uma clarificação indispensável: «Vai para Torres na mesma!»

Por essa altura, já com dezanove anos, dá-se uma ocorrência deveras lamentável que até o pai teve dificuldade em perdoar-lhe. Entrava-se no verão e era frequente, no final da tarde, um tenente da Guarda Republicana vir do Quartel do Carmo, montado a cavalo, cortejar uma rapariga que morava no terceiro andar de um prédio na esquina do Largo do Barão de Quintela com a Rua do Alecrim, e para impressionar até trazia guarda de honra também montada: três soldados que

se mantinham perfilados a curta distância. O Quim Salavisa já tinha visto a cena porque morava ali perto e também porque costumava ir comer tordos fritos numa tasca que ficava no mesmo largo, mas do lado oposto. Nessa tarde, estava ele no petisco, viu um putto com uma fisga e não se conteve: sacou-lha, arranjou uma boa pedra, que atirou sobre o jardim, numa balística primorosa, e acertou em cheio nos traseiros do cavalo do tenente. A seguir, foi tudo muito rápido: o oficial perdeu o freio à sua montada e esta arrastou as outras, foram as quatro desabridas pela Rua do Alecrim abaixo, dois dos militares caíram aparatosamente, o tenente ia agarrado ao pescoço do cavalo a gritar «ó da guarda!», havia pessoas numa correria por todo o lado, carroças viradas, uma mula de azeiteiro projetou o dito, e também foi rua abaixo, a espalhar azeite e carvão. Enfim, um pandemónio total que meteu polícia municipal, reforços do Carmo e o estado de sítio declarado do Camões ao Cais do Sodré.

O Quim estava incrédulo, branco como a cal da parede, completamente em pânico e veio para o Carmo sob prisão com aparato impressionante. O João Guerra pôs-se em campo e um amigo do comando da Guarda propôs-lhe a solução de o alistar no Corpo Expedicionário e mandá-lo para a Grande Guerra, para França, o assunto morria ali. Pareceu-lhe bem, pois safava o filho daquela e logo ia arranjar maneira de o safar da outra.

Saiu da cela do quartel com guia de marcha para França e, quando soube, disse ao pai que preferia ficar uns tempos preso porque já tinha arranjado vários amigos, o tenente era um tipo geralmente detestado e metade do quartel andava com ele em ombros.

— Não seja parvo, de qualquer maneira podem chamá-lo depois. A sua mãe vai falar com o primo, o coronel Matos. Safa-se da França, mas não de Torres: segue ainda hoje e só volta a sair de lá para se casar com quem eu escolher.

No dia seguinte à tarde, D. Vicência Salavisa Reboredo era recebida no Estado-Maior pelo coronel Salavisa Ferraz de Matos, o responsável máximo pela mobilização para França e por grande parte da logística de apoio às tropas para aí deslocadas. Eram primos-irmãos, pois ele era filho de uma tia que saíra um pouco rebelde e se casara com um «Matos», minhoto sem estaleca e que até tinha dois familiares próximos a cumprir pena na prisão do Porto por assaltos e crime de sangue. Quando o batizaram, para esbater o «Matos», meteram-lhe o «Ferraz» à pressão, de um tio por afinidade que fora deputado pelos regeneradores e que foram buscar para padrinho quase à força. Os «Salavisas», sim, eram a parte rica da família e pontificavam em Lisboa, o Matos não perdia oportunidade para lhes agradecer, de maneira que aquela estimada prima podia pedir o que quisesse e, no caso, ele até já sabia o que ela queria e o assunto já estava a pontos de ser encaminhado. Depois dos cumprimentos da praxe, a introdução do caso foi brevíssima, até foi o Matos quem se adiantou:

— São coisas de rapaz, prima Vicência, lamentáveis, reprováveis, mas de rapaz. Trato eu de o safar da França e a estimada prima de o meter nos eixos. Coisas de rapaz, pronto!

— Pois o que eu venho pedir ao caro primo é precisamente, que não o safe, que o mande para França. Pode ser que venha de lá mudado!

O coronel garantiu que lhe faria a vontade, evidentemente; mal ela saiu, abriu a boca de espanto e decidiu que

não ia correr o risco de mandar um primo Salavisa para o matadouro, ficaria em muito maus lençóis perante os Salavisas se algo de mal acontecesse ao rapaz. Tinha de o mandar para a guerra, certo, mas havia de escolher um sítio tranquilo e recomendá-lo bem.

João Guerra ficou estupefacto, já tinha percebido que ela não gramava o filho, mas não àquele ponto. Guardou segredo do sucedido e perante o filho, que já ia a caminho de Tancos, inventou desculpas para o primo Matos. Passado um par de meses, foi com lágrimas nos olhos que veio ao cais de Santa Apolónia despedir-se do desanimado Quim.

— A mãe?

— Não pôde vir, tinha quermesse da paróquia do Santo Condestável, mas vai rezar por si à Basílica.

II

FRITZ DE DERNBACH

Por essa mesma altura, o jovem alemão Friedrich Helmholtz, que todos tratavam por Fritz, natural de Dernbach, na Turíngia, acabava de fazer vinte anos, ajudava os pais nos trabalhos agrícolas e dedicava-se ao seu passatempo favorito: a caça ao javali e ao veado, em que o pai o iniciara muito novo. Fritz era considerado o melhor de todos os caçadores que alguma vez houvera na região não apenas pela sua precisão de tiro, mas também pela sua postura de caçador solitário, e quem tinha o privilégio de o poder acompanhar referia-lhe um instinto quase animal na forma como detetava e se aproximava da presa, às vezes parecia possuir um estranho magnetismo que a imobilizava e a expunha ao castigo fatal. Era de natureza tranquila e tímida, um auxiliar precioso dos pais, extremamente trabalhador, dedicado e disciplinado. Vivia, pois, para o trabalho e para a sua paixão,

à qual dedicava todos os momentos livres e que era o tema incontornável de conversa quando se encontrava com os amigos na cervejaria. Quando a guerra rebentou, a sua mãe nunca mais teve uma noite serena e vivia no pavor de lhe levarem o filho. O pai, mais resignado, sabia que era impossível escapar à mobilização e dava-lhe inúmeros conselhos, que o rapaz ouvia atentamente e o ajudaram a reagir com normalidade quando o seu nome apareceu afixado no átrio da Rathaus, na lista dos mobilizados.

III

A GUERRA DE CHÂTEAU-SALINS

Havia na frente ocidental, a sul de Château-Salins, na Lorena, uma extensão inferior a dois quilómetros onde as trincheiras estavam anormalmente próximas, um pouco menos de cem metros, por força da configuração geográfica em que um maciço rochoso interrompia a grande frente, deixando depois aquela pequena extensão até ao rio Seille, afluente do Mozela, por sua vez balizada a norte e a sul por duas colinas, ou seja, tratava-se de um retângulo isolado de tudo, e a vigilância naquele local destinava-se a impedir o seu uso, por terra ou pelo rio, para atos de sabotagem na retaguarda das linhas. Logo a seguir ao maciço havia a frente de Château-Salins Sud e aí, sim, é que elas mordiam!

Quando o coronel Matos falou ao general Pimentel Sardinha, que de tudo punha e dispunha no Corpo Expedicionário Português, sobre o que pretendia para o seu primo

Salavisa, este nem hesitou em colocá-lo na frente de Château-Salins, com recomendações ao general francês que mandava naquele setor e de quem era amigo, embora não fosse necessário: «É exceção que abro para ti, mas descansa, Matos, só lhes falta virem estender a roupa para secar na terra de ninguém, se é que já não o fazem.»

O Quim Salavisa não sabia que ia com proteção, e os relatos que ouviu e as condições que encontrou no ponto de reunião antes do destacamento para os locais respetivos deixaram-no horrorizado. Quando chegou, uma semana depois, ao pequeno setor de Salins, ficou mais reconfortado, porque um dos que já lá estavam avisou-o: «A guerra já vai no terceiro ano e aqui nunca se disparou um tiro, por isso não penses armar-te em parvo.» Até o podiam desarmar logo ali, por ele, a guerra acabava ontem, tranquilizou-o. Facilmente fazia amizades, mas afeioou-se particularmente a um rapaz da idade dele, o Jean-Paul, que nascera em Nancy e com quem se entendia bem em francês, andando os dois numa galhofa permanente. Procuravam divertir-se porque aquilo era uma pasmaceira total, ainda bem, sem dúvida, mas no dia a dia tornava-se insuportável.

A zona onde estavam assemelhava-se a um vale glacial que estreitava repentinamente numa zona de bosque quando se aproximava do leito do Seille, tendo no limite da margem cerca de trinta metros. Para aí uns cento e cinquenta metros antes interrompiam-se as trincheiras, quando não distavam entre si mais de setenta metros, seguindo-se em cada campo um posto de vigilância separado que permitia dominar o acesso ao rio e o seu percurso, o dos alemães era uma casamata com quase três metros de altura, enquanto a dos aliados

aproveitava o relevo e tinha a maior parte enterrada. Quim e Jean-Paul faziam o turno nessa casamata com frequência e o mesmo acontecia do outro lado a uma dupla alemã que incluía um rapaz de cabelo espetado e com orelhas de abano. Espiavam-se com os binóculos, e um dia o Quim, desrespeitando os procedimentos de segurança, veio para fora, gritar a plenos pulmões:

— Ó Fritz! Ó Fritz!

Um deles, o das orelhas, espreitou instintivamente, aquele era o seu nome, era o nosso Friedrich Helmholtz de Dernbach. Quim fartou-se de rir para o Jean-Paul, «o marreco é Fritz», e prosseguiu aos gritos para o lado de lá:

— Ó parvalhão, ó palhaço, a tua mãe anda ao ataque no Intendente!

O Fritz mantinha-se bem visível na janela da casamata, de arma em punho, e não percebia patavina do que ele dizia, até que decidiu recolher-se. Foi então que o Quim se lembrou que o Jean-Paul falava alemão, naturalmente, porque vivia em Estrasburgo quando a guerra rebentou, e pediu-lhe que lhe ensinasse a dizer os insultos para que o Fritz os percebesse. O Jean-Paul também achou boa ideia e durante dias andaram a azucrinar a cabeça do Fritz com todo o tipo de insultos: punham-se fora da casamata para lhe fazerem o manguito e pares de cornos, e bastava a figura dele aparecer para rebentarem de riso. Ele não lhes dava importância e nunca respondeu na mesma moeda.

Sempre que podiam, os dois amigos iam esquadrihar as terras e instalações abandonadas e encontraram um pequeno armazém com várias coisas, incluindo tintas e pincéis. Agararam numa tábua enorme e aí pintaram «a tua mãe é uma

vaca» (*Ihre mutter ist eine Kueh*), dirigindo-a para a casamata do Fritz. Aperceberam-se de que ele foi buscar os binóculos e deliraram de riso. No dia seguinte, notaram que também do lado de lá estava um pequeno cartaz, e foi a vez de eles recorrerem aos binóculos. Dizia o seguinte:

«*KUH, IDIOTEN*». Jean-Paul esclareceu:

— «Vaca» estava mal escrito e chama-nos idiotas.

— Estás a brincar?! Corrige-nos a ortografia para insultarmos a mãe nos devidos termos e os idiotas somos nós?! Grande cromo, este Fritz, é um prazer vir à guerra para encontrar gajos assim! Ó Jean-Paul, tu deste um erro em «vaca», cheira-me que não percebes grande coisa de alemão.

— Claro que percebo, distraí-me. Já te disse que vivo em Estrasburgo, pensei que sabias que pertence ao império alemão.

— És alemão?!

— Não, não sou alemão, porque a minha avó materna exigiu que eu fosse nascer a Nancy, que é a origem da nossa família, e como os meus pais tinham dificuldades e era ela quem ajudava, fizeram-lhe a vontade. Depois a vida melhorou e o meu irmão mais novo já nasceu em Estrasburgo e é alemão. Quando a guerra estalou, os franceses mobilizaram-me porque sou francês, apesar de estar a viver com os meus pais em Estrasburgo, que pertence ao império alemão, conforme te disse. No entanto, o meu avô paterno, que também nasceu em Estrasburgo, continua a ser francês, não sabe nem quer saber qualquer palavra alemã e até detesta a Alemanha, apesar de lá viver.

— De lá viver, onde?

— Em Estrasburgo, que claro, nem sempre pertenceu à Alemanha, quando o meu avô paterno lá nasceu ainda

pertencia à França. Parece confuso, mas vivemos perfeitamente com isso. O meu tio Raymond é alemão, embora o nome seja francês, mas a minha tia Steffie é francesa, apesar de o nome ser alemão, porque o tio Pierre, casado com ela e também nascido em Estrasburgo, tem uma oficina de bicicletas em Chavigny financiada pela minha avó e dá-lhe mais jeito ser francês. O tio Herman, por afinidade, dado que se casou com a irmã mais nova da minha mãe, a tia Béatrice, tem uma queijaria em Pont-à-Mousson, e, apesar de não ter nos seus ascendentes nenhum francês, fez questão de o ser, apesar de a esposa não se ralar nada de ser alemã, precisamente porque nasceu em Estrasburgo, tal como ele. O meu irmão Michael, o alemão, já tem catorze anos, fez a escola primária em Estrasburgo e fala e escreve tão bem o alemão como eu o francês, mas o seu francês não é melhor do que o meu alemão, o que não impede de sermos muito amigos e de nos entendermos perfeitamente.

— Certo, mas se a guerra durar mais quatro ou cinco anos, ele vai para o exército alemão e, se ainda cá andares, pode ficar numa trincheira em frente da tua.

— Não seria caso único, mas não me parece, pois o meu tio mais velho, o Joachim François, que é funcionário público em Paris e definitivamente francês, apesar de o primeiro nome ser alemão, sendo um tipo bem informado, já assegurou ao meu pai que, no desfecho da guerra, a Alsácia e a Lorena vão regressar à posse da França e, em consequência, eu e o meu irmão Michael passamos a ser compatriotas.

— Finalmente percebi porque estou a dois mil quilómetros de minha casa com uma arma nas mãos: é para resolver o problema da tua família!

— Não sei se será o caso. Por exemplo, o tio Herman, o da queijaria, insiste que as únicas coisas razoáveis que se fazem na Alemanha são a cerveja e as salsichas e que se mantém na pré-história do queijo, e olha que ele sabe o que diz, pois sempre foi alemão até ao dia em que decidiu que lhe dava mais jeito ser francês; enquanto o meu tio Raymond sabe de cor as estatísticas de produção de carvão, ferro e aço da Alemanha dos últimos dez anos e afirma que pode demonstrar que só o Rhur produz mais num domingo do que toda a França numa semana, e faço-te notar que o meu tio Raymond não é fala-barato, sendo tão credível como o meu tio Herman. Se acontecer o que prevê o tio Joaquim, ficarão de costas voltadas, de certeza, mas o tio Herman não vai saborear a vitória porque desconfio que a tia Béatrice não aceitará deixar de ser alemã qualquer que seja o resultado da guerra! Eu gosto bastante da minha família e devo dizer-te que me é totalmente indiferente ser uma coisa ou outra, critério que também lhes aplico, tal como o meu irmão alemão, o Michael, a quem é indiferente passar a ser francês, mas que em caso algum aceitará mudar o nome para Michel, prefere ser alemão ou outra coisa qualquer desde que não lhe mudem o nome.

— Já não sei outra vez o que ando aqui a fazer e agora vamos ficar sem divertimento porque o Fritz não dá luta, está mais preocupado com a gramática.

De repente, surgiu-lhe uma nova ideia, esta verdadeiramente brilhante.

IV

A CAÇA AO PASSARINHO NA TERRA DE NINGUÉM

Na visita ao armazém, reparou que havia num caixote um grande número de pequenos aparelhos semicirculares de arame. Visualizando-os de memória, achou-os semelhantes a armadilhas que vira utilizar a um primo de uma aldeia perto de Viseu para apanhar pássaros. Trataram logo de ir confirmar, o Jean-Paul conhecia algo de semelhante, mas para apanhar ratos. Inspeccionaram-nas cuidadosamente, as duas partes abriam sob a pressão de uma mola e eram mantidas à distância por uma hastezinha metálica onde era colocado o isco e fechavam-se de imediato ao mais pequeno contacto, apanhando o que lá estivesse: rato, pássaro ou dedo.

— Estamos ricos, Jean-Paul!

— Porquê, já agora?

— O melhor isco para pássaro são as aúdes, aquelas formigas com asas que nesta altura são uma praga, ora, vamos

armar as ratoeiras ao bosque e apanhamos mais de uma centena de «tordos» por dia e trocamos-los por cigarros e dinheiro, entendes?

— O que são «tordos»?

— Não sei dizer em francês, chama-lhe passarinhos, para simplificar, mas são coisas completamente diferentes.

— Se é aquilo que voa no bosque, acho apropriado chamar-lhes passarinhos. Há duas perguntas que se impõem, Quim: a primeira é se isso se come e a segunda é se te referes ao bosque que fica no extremo das trincheiras.

— Se se come?! É um dos melhores petiscos do planeta conquanto tenhas alhos, sal, um pouco de banha e louro e, já agora, que os depenes. Face à concorrência, as rações de combate, com sal e qualquer gordura, fazes um figurão, e isso vai-se arranjando. É evidente que o bosque é aquele a que te referes, é o único aqui por perto e tem uma densidade de tordos impressionante. Qual é o problema?

— O problema é que está na terra de ninguém, arriskas-te a levar um tiro, só isso.

— Nesta guerra que é a nossa, só há tiros se algum idiota se distrair e der pretexto para isso; portanto, temos de fazer as coisas sem dar nas vistas, o que neste caso é fácilimo, porque daqui ao bosque, se fores bem agachado, não te expões ao inimigo, vais protegido pelo relevo e do nosso lado só haveria problema se estivesse alguém na casamata, onde quem deveria estar seríamos nós. É uma limpeza!

Jean-Paul duvidava da vertente empresarial do projeto, mas, de resto, parecia ser um bom divertimento, que era o que interessava. Apanharam uma boa porção das tais formigas, que guardaram numa pequena marmitta bem fechada,

e enfiaram as armadilhas num arame. No dia seguinte, mal amanheceu, avançaram cautelosos, mas confiantes, e nem sequer levaram as espingardas, para não atrapalhar, o Quim transportava ao ombro o enorme arco de arame com as armadilhas. Demoraram pouco mais de uma hora a armadilhá-las e a colocá-las, um empoleirado nos galhos e o outro no solo. Regressaram à casamata já tendo ouvido o estalo sinistro de algumas gaiolas a estrangularem tordos. Logo a seguir ao almoço, confirmando que estava tudo calmo, levaram dois sacos de serapilheira para recolher a passarada e nem a tirariam das armadilhas, para ser mais rápido, trabalho que faziam depois. Correu tudo bem, quase todas as armadilhas tinham apanhado tordos, até que o Jean-Paul sentiu um frio metálico na cabeça e uma ordem em alemão:

— Quietos os dois.

Era o Fritz que lhes apontava a espingarda. Trouxe-os para a borda do bosque que dava para a sua casamata.

— Alguém aqui fala língua de gente? — perguntou, referindo-se, evidentemente, à sua.

— Como está, Herr Fritz? Eu sou o Jean-Paul e este amigo é o Quim, um português.

— Muito prazer, Fritz, não te fazia tão alto, pá! — Jean-Paul traduzia do francês para o alemão o que Quim dizia e o inverso quando falava Fritz.

— Estou muito contente com as observações que fizeram acerca da minha mãe, muito contente mesmo. Alguém quer assumir a responsabilidade? — perguntou-lhes friamente e mantendo a arma apontada à altura dos olhos.

— É evidente que a ideia foi minha, Fritz, espero que não leves a mal a nenhum de nós, tanto mais que o Jean-Paul tem

família alemã e o meu país entrou na guerra há muito pouco tempo, ainda estamos a ambientar-nos.

— Vocês os dois, veem ali aquela panela, perto das nossas linhas?

— Vemos um vultozito para aí a uns cinquenta metros — respondeu-lhe o Jean-Paul —, tu é que dizes que é uma panela.

— Só para terdes uma pequena ideia de quão idiotas sois ambos, e em especial o português, devo informar-vos que estou entre os cinco melhores atiradores do exército alemão, o que não é nada fácil e significa que vos acerto na ponta do nariz, se eu quiser, mesmo que estejam dentro da casamata, e completo a informação dizendo-vos que... — passou a arma lentamente frente aos olhos dos dois e fez um brusco e sincronizado movimento em arco de círculo, apontou em frações de segundo e disparou, logo se vendo a panela saltar, toda desfeita — ... sou de longe o melhor em tiro instantâneo!

— *Ai, minha mãezinha, o que foste tu fazer, Fritz!* — gemeu o Jean-Paul.

Antes de conhecermos os justificados receios do francês, é fácil compreender o que se passou com o alemão. Os dois amigos arquitetaram bem o seu plano, mas desconheciam que estavam perante um dos melhores caçadores à superfície do planeta, e este detetou-lhes os movimentos logo de manhã, observou-lhes o estranho material que transportavam ao ombro e, não tinha dúvidas, eram caçadores furtivos. Aquilo já lhe dizia respeito, a sua paixão cegou-o, aproveitou o facto de estar sozinho — o seu colega Herman estava com um ataque de piolhos e fora a uma desinfestação de urgência — para lhes vir controlar os movimentos, não tendo a intenção de lhes

fazer qualquer mal, mas, de caminho, aproveitaria para lhes dar uma boa lição.

Os receios de Jean-Paul não necessitam de ser explicados, a realidade já se encarregava disso: as linhas alemãs responderam com vários tiros, passados uns minutos de silêncio, as linhas francesas ripostaram e a fuzilaria foi subindo de tom. Os três refugiaram-se mais para o interior do bosque e agacharam-se junto ao tronco de uma enorme árvore.

— Foi uma atitude muito estúpida, Fritz, com o teu tiro desencadeaste a guerra onde sempre houve paz, agora têm as trincheiras todas preenchidas e nem nós nem tu podemos regressar pelo mesmo caminho. Nem eu faria melhor! — observou-lhe Quim Salavisa, que estranhou vê-lo muito parado, quase absorto.

O pobre rapaz apercebia-se da alhada em que se metera por ter agido por impulso, sem pensar nas consequências, como viciado que era naquela sua loucura pela caça.

— Desertei de arma em punho e disparei sobre as minhas linhas! Vou ser fuzilado! Deixei a casamata sem ninguém. Vou ser fuzilado! A minha mãe vai morrer de desgosto! Adeus, vou-me embora.

Ia sair dali, o Jean-Paul e o Quim precipitaram-se sobre ele, agarraram-no e obrigaram-no a deitar-se.

— Diz-lhe qualquer coisa, Jean-Paul, o tipo está a passar-se.

— Enlouqueceste? Queres-te matar? Não podes sair a correr detrás de uma moita na terra de ninguém quando as duas linhas disparam uma sobre a outra! Temos de esperar que isto acalme.

Ele é que não acalmava de modo nenhum, estava terrivelmente pálido e tremia, tremia repetindo sem parar: «Vão-me

fuzilar, a minha mãe vai morrer de desgosto!» Quim reconheceu os sintomas de um ataque de pânico tal como se passara consigo na ocorrência com o cavalo do tenente, disse ao Jean-Paul que não o podiam largar e pediu-lhe que não parasse de falar com ele, para o encorajar, para lhe assegurar que entre os três arranjariam uma boa solução enquanto fazia macacadas para o divertir e comunicava gestualmente com a mão para ter calma.

Quando Fritz já estava relativamente recomposto, o português fez o ponto da situação:

— Estamos todos metidos numa grande enrascada, para mim não é novidade, está-me sempre a acontecer, mas, na verdade, Fritz, tu atreveste-te além dos limites, pois abandonaste as tuas linhas armado e não só disparaste sobre os teus, como ainda destruístes património alemão, a panela, há de considerar o tribunal de guerra. O teu pânico é inteiramente justificado.

— É a morte certa, o pelotão de fuzilamento, a minha mãe vai morrer de desgosto!

— Por amor de Deus, não recomeces!

— Por amor de Deus, não recomeces! E tu mede as palavras, ele ainda está a recuperar e tu já massacras.

— Mas de que lado estás tu, Jean-Paul? Armou esta confusão toda e ainda o defendes?!

— Não foi dele a ideia de vir apanhar passarinhos.

— São «tordos», não são passarinhos, vamos lá a ter calma, Jean-Paul, temos é de resolver isto.

— Agora falaste bem. Se espetássemos uma camisa na ponta de um pau e saíssemos daqui de braços erguidos ou nos crivavam de balas ou íamos parar a tribunal de guerra, falta saber qual. Não é opção.

— Também não podemos ficar à espera que isto passe, pois dão por falta de nós e estamos metidos num sarilho!

— Lamento ter-vos criado este problema! — interrompeu-os o alemão, já mais calmo. — Assumo os riscos que forem necessários, para mim, a morte é certa.

— Mas não hoje, Fritz, aqui não vai morrer ninguém! — assegurava-lhe o Salavisa.

Aqueles três rapazes, de três diferentes países e da mesma idade, tinham tudo em comum e estavam no sítio certo, na terra de ninguém, entre as duas trincheiras porque, verdadeiramente, não pertenciam a nenhuma. De repente, eram três amigos unidos sob o fogo cruzado da vida, a fazer face ao destino que os tinha enviado para uma carnificina estúpida e sem sentido. Começaram a analisar a situação em que se encontravam à procura de uma saída, se a houvesse.

— Há sempre! — insistia Quim, transformado numa espécie de líder do grupo.

Expôs o seu plano: se só havia um caminho menos mau, era por esse que tinham de seguir e que era, por exclusão de partes, pelas margens do rio. Aí chegados, facilmente se escapariam para trás das linhas respetivas, ocultos pela densa mata de choupos, depois era só dissimularem-se umas centenas de metros para mergulhar na trincheira ou recolher à casamata, o que importava era estarem por trás das linhas enquanto durasse a troca de tiros, mesmo que os vissem acabados de chegar e lhes perguntassem por onde tinham andado, haveria sempre uma explicação plausível.

— Um ataque de pânico — sugeriu Fritz, sorrindo.

— Ou uma diarreia tremenda — propôs Jean-Paul.

— Ou as duas coisas, uma depois da outra — concluíram.

Riram-se e sentiram-se mais confiantes. O leito do rio situava-se numa depressão de dois ou três metros cujas extremas estavam alteadas pela acumulação de terras trazidas nos períodos de mais elevado caudal e dali até ao bosque havia uma área desprotegida de uns setenta ou oitenta metros de comprimento. Era aí, nessa parte do percurso, que estava o perigo!

— Quem tem contacto visual do vosso lado, Fritz?

— Quem estiver na casamata e na parte final da trincheira, mas daí será difícil se rastejarmos.

— Mas quem devia estar na casamata eras tu e o Herman. Tu estás aqui e o teu colega no chuveiro do inseticida; portanto, não está lá ninguém!

— Não é seguro que assim seja, podem ter enviado reforços, ou o Herman pode já ter regressado.

— Do nosso lado a situação só é um pouco melhor porque não há contacto visual com as trincheiras — opinou Jean-Paul.

— É difícil não terem já enviado reforços para as casamatas e temos de arranjar uma boa justificação para não estarmos lá. Cada coisa de sua vez. Vamos para a extrema do bosque analisar o percurso até à margem.

A troca de tiros estava pegada. Aqueles setenta metros eram, na verdade, perigosos, porque os poucos abrigos que havia eram moitas esqueléticas que só ocultavam para um dos lados, o solo era muito arenoso, muito claro e facilmente se visualizava um vulto a rastejar. Naquela zona, qualquer indivíduo é do inimigo, não pode estar ali ninguém, pelo que a possibilidade de ser alvejado pelos seus também era elevada.

Resolveram esperar uma pequena acalmia do tiroteio para minimizar o risco das balas perdidas. Sentaram-se junto a um tronco e o Jean-Paul ofereceu cigarros.

— Se nos safarmos, espero-vos em Dernbach!

— Tu tens é de ir a Portugal, Fritz, comer e beber do melhor. Alguma vez foste à praia, tomar banho no mar?

— Se eu nunca vi o mar, como queres que já tenha entrado nele? Além de que não sei nadar.

— Mas sabes atirar — elogiou-o Jean Paul. — És caçador, de certeza!

— É a minha paixão, na verdade, adoro caçar veados e javalis e vim espiar-vos porque não resisti à curiosidade.

— Na minha terra diz-se que a curiosidade é que matou o gato — avisou-o Quim.

— Mas eu tenho de matar a minha curiosidade, também, já agora! Pelo que percebi, vocês andavam a apanhar passarinhos. Chamam a isto caça?

— Pergunta ao português, eu só vim apanhar ar fresco.

— Mas, voltamos ao mesmo?! Não são passarinhos, são «tordos» — explica-lhe, Jean-Paul.

— O que queres que lhe explique? Tu não sabes dizer «tordos» em francês, e mesmo que o soubesses, era preciso eu saber traduzir isso para alemão. Aquilo que ali está pendurado nas armadilhas pelo pescoço, pequenitos, com asas, penas e bico são passarinhos em França, na Alemanha e em qualquer parte do mundo, menos no teu país, pelos vistos.

— Estás a desiludir-me, Jean-Paul, é a segunda vez que tomas o partido dele contra mim.

— Disseste que na terra dele também matam gatos por curiosidade, não é assim? Também chamam a isso caça?

— Traduzi-te o que ele me disse, Fritz, mas irrita-se com facilidade, é melhor mudar de tema e não lhe vou perguntar nada sobre os gatos.

— Só uma última pergunta, por favor, o que fazem com os passarinhos?

— Essa parte já a sei, fritam-nos e comem-nos.

— Coisa horrível! A cabeça também, Jean-Paul? Pergunta-lhe, vá lá!

— Só um alemão se lembraria de uma pergunta destas, mas o Fritz quer saber se também comeis as cabeças dos passarinhos.

— Explica aí ao teu amigo que sim, é a parte melhor, e tem de ser a abocanhar, de uma vez só.

— Ele é tão meu amigo como teu e vai achar isso nojento, aviso-te já.

— Não há de ser razão para nos invadirem.

— Comem, sim, e até acham que é a parte melhor, engolem-na.

— Transmite-lhe que simpatizo com ele, mas acho isso detestável.

— Já tive oportunidade de lho dizer.

— Vai pegada, a conversinha destes dois... — comentava o português.

Ficaram em silêncio, o tiroteio era ensurdecador.

Fritz olhava para o Quim Salavisa com curiosidade, simpatizava com ele e decerto era um bom compincha para beber umas cervejas e comer umas salsichas, mas de um país onde comiam passarinhos e matavam gatos por curiosidade não se podia esperar grande coisa, nem percebia porque o tinham envolvido naquela guerra de povos civilizados.

Quim também o tinha debaixo de olho, devia ser bom rapaz e parecia que até a mãe gostava dele, mas ainda havia pouco tremia que nem varas verdes e agora, mancomunado com o francês, desfazia dos tordos na sua cara! Se na terra dele passavam com aquela facilidade do cagaço ao caganço, não lhes augurava nada de bom.

Jean-Paul, entre os dois, também falava com os seus botões, não tinha feito nada para estar naquela situação; como de costume, não precisava de arranjar problemas porque estes encarregavam-se de lhe cair em cima. Na hora da verdade, era sempre ele quem pagava as favas dos passarinhos e gatos que os outros se encarregavam de matar!

O tiroteio acalmou e o objetivo comum devolveu-lhes o espírito positivo, voltavam a estar unidos.

— Eu vou como batedor — ofereceu-se o Quim. — Tenho visão de milhafre e rastejo como uma cobra, faço isto desde a primária.

Assim foi, correu tudo bem e em breve estavam na margem, escondidos pelos choupos. Despediram-se do Fritz com grandes abraços, elogiaram-lhe a pontaria, mas pediram-lhe encarecidamente que nunca a usasse contra franceses ou portugueses. O rapaz levou aquilo muito a sério, até jurou pela mãe, e os dois amigos acharam que o risco que correram tinha sido altamente compensado, pois o Fritz, por si só, era tipo para desequilibrar e decidir o destino de uma guerra.